

## ARTES, IDENTIDADES E LOCAL DE FALA

Atualmente, acompanhamos atentos ao debate sobre o conceito de **local de fala**. Sem dúvida, o ponto positivo dessa discussão é a conquista da voz, da expressão sem intermediários, em alto e bom som. Entretanto, alguns posicionamentos, mais arraigados (talvez em excesso) estabelecem um lado negativo, ao recusarem opiniões que não se baseiam na experiência estrita. Por conta disso, muitos discursos têm sido considerados ilegítimos, ainda que sejam solidários às minorias. Nesse contexto, há quem julgue uma heresia o fato de falar ou escrever sobre algo que não foi vivenciado. A fim de aprofundarmos esse assunto, propusemos o dossiê desta edição, a vigésima segunda da revista *Scripta Alumni*, em que os autores participam com opiniões variadas, aplicadas a diferentes tipos de arte.

Além disso, nesta Apresentação, também iluminaremos o tema em debate, a partir do registro de pessoas que já refletiram sobre a problemática do local de fala na literatura e nas outras artes. Começamos, então, este breve apanhado, lembrando as palavras de Mia Couto, em entrevista a Mirella Nascimento:

(...) se for interrogada desse ponto de vista de lugar de fala, ela [a escrita] morre. Eu só escrevo porque eu viajo para outros. Eu sou mulher, eu sou criança, eu sou velho, eu sou outros quando escrevo. Se eu só posso escrever naquela competência do meu lugar de fala como compete, eu só falo sobre mim. (NASCIMENTO, 2019)<sup>1</sup>

A afirmação do autor faz todo o sentido, quando pensamos no processo de criação literária, com mundos ficcionais, habitados por personagens diferentes entre si, cada um com seu perfil, sua linguagem, sua personalidade. Nesse sentido, a concepção de Cezar Tridapalli pode ser usada, aqui, como complementar à visão do escritor moçambicano:

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, M. *Uol tab #159*: Questionar lugar de fala “mata” literatura, diz Mia Couto. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/24/uol-tab-159-mia-couto.htm>. Acesso em: 14 jul. 2019.



O espaço da alteridade, a riqueza da ficção que permite viver o que Ferreira Gullar afirmou — “a arte existe porque a vida não basta” —, a experimentação de, sendo um, ser outro, caracteriza de forma contundente a narrativa literária. (...). É trabalho da literatura reivindicar o direito de tomar a voz do outro, não para reproduzi-la de maneira superficial e preconceituosa, e sim para colocá-la em sua complexidade na dinâmica das relações humanas. (TRIDAPALLI, 2019, p. 59, ênfase no original)<sup>2</sup>

Como se vê, autores contemporâneos nos fazem lembrar dos clássicos versos de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (PESSOA, 1995, p. 235)<sup>3</sup>. Sim, todo escritor, seja prosador ou poeta, tem esse compromisso com o fingimento e com a verossimilhança, em maior ou menor grau. Essa associação define não apenas seu estilo, mas também sua relação com o público e com a realidade, que sempre serve de referência para a ficção. O exercício da autoria exige que o escritor saia de si mesmo e experimente os prazeres e as angústias do(s) outro(s). Sem dúvida, é isso que alimenta a imaginação do próprio escritor e do leitor.

Como resolver então a impossibilidade física e psicológica de um autor estar em vários lugares ao mesmo tempo, ocupando-os a ponto de não reproduzir nem as blandícias nem os preconceitos típicos dos clichês a respeito de alteridades?

Resposta que julgo boa: antes de se colocar em lugar de fala, ou antes de criar sua rede polifônica — emaranhamento de vozes dissonantes —, é fundamental para o autor deslocar-se para um atento lugar de escuta e habitá-lo, permanecendo ali, mesmo quando começar a falar pelos seus outros (...). (TRIDAPALLI, 2019, p. 60)

Nessa sugestão, ainda há um risco e esse depende da posição do leitor, que não deve julgar o trabalho do autor apressadamente, como se a criação literária fosse algo inconsequente, pautado pelo

---

<sup>2</sup> TRIDAPALLI, C. As vozes da voz. Revista *Helena*, n. 11, Curitiba, 11 jun. 2019, p. 56-71.

<sup>3</sup> PESSOA, F. Autopsicografia. In: \_\_\_\_\_. *Poesias*. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995, p. 235.



imediatismo. Pelo contrário, é preciso que o público leve em conta o exercício da escuta como prévia, no processo detalhado da escrita e do labor artístico.

Outra etapa fundamental para repensarmos o conceito do **local de fala** passa, talvez, pela retomada de exemplos que enaltecem a alteridade e demonstram que é possível encontrarmos excelentes representações, apesar de essas terem sido criadas por autores que estavam **fora do círculo**:

(...) afirmo que a brilhante Jennifer Egan — para mim, o talento mais promissor da literatura moderna — criou alguns dos personagens masculinos mais interessantes da ficção. Quem leu o soberbo *A Cruel Visita do Tempo* sabe do que estou falando. E o que dizer da *Diadorim*, de Guimarães Rosa? Há personagem feminina mais empoderada e corajosa do que ela, na história da nossa literatura? (CAETANO, 2019)<sup>4</sup>

Com esses exemplos, Marcos Caetano posiciona-se contra a obrigatoriedade da legitimação do discurso literário, tendo como base apenas o critério do lugar de fala. Conforme o autor, a exigência de que qualquer enunciação deve ser baseada na experiência do autor, que deve ser protagonista na vida real, privilegia tão somente o isolamento e a exclusão. Essa mesma visão é registrada por Djamila Ribeiro, neste trecho, em que a autora associa o lugar de fala “à legitimação de um discurso excludente, pois não viabiliza outras formas de ser mulher no mundo” (RIBEIRO, 2017, p. 51)<sup>5</sup>.

Dessa forma, um paradoxo se estabelece, no momento em que o direito de fala das minorias, antes silenciadas, passa a excluir o diálogo. Vejamos, então, duas opiniões acerca disso. De um lado, salienta-se a diversidade, que “significa muitas vozes — diferentes, dissonantes, contraditórias que sejam — participando dos diálogos” (CAETANO, 2019). Do outro, prevalece a ideia de que o local de fala deve relacionar a autoria à vivência:

---

<sup>4</sup> CAETANO, M. *Um grande erro chamado “lugar de fala”*. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2019/01/23/um-grande-erro-chamado-lugar-de-fala.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.

<sup>5</sup> RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos plurais).



Nesse diálogo, que também se refere a protagonismo, capacidade de escuta e lugar de fala, façamo-nos as perguntas: Que histórias não são contadas? (...). De quem é a voz que foi reprimida para que a história única do feminismo virasse verdade? Esse *turning point* nas nossas narrativas relaciona-se com a principal pauta do feminismo negro: o ato de restituir humanidades negadas. (XAVIER, 2019)<sup>6</sup>

Corroborando o raciocínio de Giovana Xavier, a obra editada por Linda Alcoff e Eduardo Mendieta menciona a descolonização, relacionando esse processo ao local de fala como modo de questionar as identidades fixas, muitas vezes estereotipadas. Evidentemente, isso é uma decorrência das relações de poder, desequilibradas pelo silenciamento das minorias, que passam a ser representadas pelos grupos dominantes (ALCOFF; MENDIETA, 2009, p. 29)<sup>7</sup>. Cezar Tridapalli refere-se a isso, neste trecho contundente e essencial, que resume a problemática do conceito do local de fala, nas artes e na sociedade, hoje: "O termo 'lugar de fala' tornou-se fundamental para discutir a posição de minorias afônicas e sem representação, cujos discursos vêm embalados em clichês pasteurizados por grupos hegemônicos" (TRIDAPALLI, 2019, p. 58).

Entretanto, retomando a opinião de Caetano, isso não deve negar o direito de expressão àqueles que não tiveram a experiência de fato, mas que, de algum modo participaram dela. Em outras palavras, o **microfone** deve ser compartilhado por todos, sem que o direito de fala de uns ofusque a palavra do outro. Na afirmação de Giovana Xavier, não apenas a fala é destacada. A autora realça também a capacidade de escuta. Portanto, é preciso, sim, falar, mas, acima de tudo, ouvir o que o outro tem a dizer, para que o diálogo se reacenda, com mais vozes, principalmente com aquelas que antes eram oprimidas e vetadas pela hegemonia.

Portanto, neste momento, saímos de cena para dar espaço aos autores desta edição, privilegiando um lugar de fala (por meio da escrita) e de leitura. Os artigos que compõem a vigésima segunda edição da revista *Scripta Alumni* estão divididos em cinco seções:

---

<sup>6</sup> XAVIER, G. *Intelectuais negras visíveis*. Disponível em: <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/>. Acesso em: 14 jul. 2019.

<sup>7</sup> ALCOFF, L. M.; MENDIETA, E. (Ed.). *Identities: race, class, gender, and nationality*. Malden: Blackwell Publishing, 2009.



- *Linguagem e metalinguagem*
- *Tempo e memória*
- *Espaço-símbolo, espaço-tempo*
- *Identidades*
- *Literatura e (in)formação*

Na seção intitulada *Linguagem e metalinguagem*, o artigo *Murmúrios literários: o que é o autor?* parte da Teoria Literária para investigar uma obra de Lídia Jorge, focalizando a autoteorização, conceito mais do que adequado à discussão sobre o tema de nosso dossiê. Em *Um projeto de escrita autoral intermediária: o vídeo-ensaio "Dies irae, homines irae"*, ganham destaque a multimodalidade e a intermídia, usadas como elementos fundamentais no processo criativo do autor da obra analisada. Nesse trabalho, o local de fala é associado ao diálogo e às diferenças, por meio do conceito de intersubjetividade.

Na segunda parte, *Tempo e memória, A transcendência e relevância dos cantos dos Xapiri por meio das reminiscências pessoais de um xamã narrador em "A queda do céu", de Davi Kopenawa e Bruce Albert* focaliza a cultura indígena, a partir das experiências de Kopenawa, narrador, autor e líder Yanomami. O segundo trabalho, *Vozes-consciência como protesto poético: uma escuta à poesia de Conceição Evaristo*, reflete acerca do conceito de "escrevivência" (EVARISTO, 2007, p. 21)<sup>8</sup>, cruzando as questões fundamentais a esse assunto: identidade, memória e ancestralidade. O último artigo dessa seção, intitulado *Dando nome aos bois: uma leitura distópica do Milagre Econômico Brasileiro pela visão de Chico Buarque*, faz uso da História e da Teoria Literária para apresentar o gênero da ficção científica e para analisar as críticas ao regime militar, as quais perpassam a obra *Fazenda modelo*.

Na seção número três, *Espaço-símbolo, espaço-tempo*, apresentamos seis trabalhos. *As identidades diaspóricas das personagens femininas em "Intérprete de males" e "Terra descansada", de Jhumpa Lahiri*, trabalha com o conceito de **entre-lugar**, analisado por autores de renome nos Estudos Culturais, considerando os espaços

---

<sup>8</sup> EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.



antagônicos de Índia e Estados Unidos e a literatura pós-colonialista. O segundo texto, *Caleidoscopio musical em América Latina: contribuciones de "Maestra vida" y de "Ópera do malandro"*, trata do contexto político das décadas de 1960 e 1970, nas obras dos dois autores mencionados no título do estudo, de origens panamenha e brasileira, respectivamente. *A Amazônia como espaço simbólico em "Un viejo que leía novelas de amor"*, de Luís Sepúlveda, investiga a selva amazônica com base nas ideias de **entre-lugar** e interatividade. Mencionando o espaço urbano, o artigo *A urbepoética de João do Rio: o observador itinerante em "A rua"* trata da experiência da cidade especificamente na crônica. Em *Os mitos e ritos na poética visual de Otoni Mesquita: uma análise iconológica da "Persona com cabeça de cutia"*, a Amazônia volta a ser o tema da discussão, mas, dessa vez, a base são as esculturas e os cultos ritualísticos associados ao povo Ticuna. No artigo de fechamento dessa seção, intitulado *Identidade e alteridade em "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro"*, de Rubem Fonseca, voltamos ao tema da cidade/metrópole, com ênfase às relações humanas e ao contato entre as pessoas.

Em *Identidades*, penúltima seção deste dossiê temático, o primeiro trabalho, *"Nenhum passado é anônimo": a voz do narrador à margem e as figuras fantasmagóricas de "Dois irmãos"*, parte de Nael para analisar o fato de, no romance, alguns personagens aparecerem de modo desfocado, em posição secundária ou periférica. O segundo artigo, *Outras Macabéas: uma nova perspectiva de representação da mulher nordestina na produção de Marilene Felinto*, faz uso da metodologia comparativa para demonstrar a mudança no perfil das personagens nordestinas, que, nas obras analisadas, abandonam a passividade para se tornarem transgressoras. No terceiro estudo, *A construção da personagem Elisa a partir de elementos da linguagem audiovisual*, investiga-se a obra *Luna caliente*, de modo a problematizar a postura feminina em relação às atitudes do protagonista masculino.

Na última seção, chamada *Literatura e (in)formação*, um dos artigos, sob o título *"Eu sei por que o pássaro canta na gaiola": uma aproximação com a tradição do Bildungsroman*, traça a correspondência entre memória, autobiografia e formação identitária. Por fim, o trabalho intitulado *Cartas em "I libri degli altri": a memória literária (e política) do segundo Novecento italiano por um intelectual* fecha essa seção e também nosso dossiê, privilegiando o gênero epistolar como modo de (re)conhecimento ou (re)descoberta de determinado contexto histórico.

Dividido em cinco partes e totalizando dezesseis trabalhos, este dossiê tem como objetivo incentivar e aprofundar o debate sobre as vantagens e as desvantagens do local de fala nas expressões artísticas.



Nesse aspecto, o escritor Cezar Tridapalli sugere as etapas a serem seguidas, para garantirmos, a um só tempo, a diversidade, a interação e os direitos de expressão, de fala, e de reparação — os quais, sem dúvida, são fundamentais no processo de revisão das identidades, que, periodicamente, passam a ser colocadas “sob rasura” (Cf. DERRIDA, 2002)<sup>9</sup>:

É mais do que urgente pensar sobre lugar de fala e polifonia, pois ambas as expressões têm muito a contribuir com debates contemporâneos. Em termos rápidos e simplificadores: 1) lugar de fala é o respeito e o acolhimento da voz de grupos sociais que tiveram ao longo da História sua linguagem silenciada ou deformada pela linguagem dominante. Ou, mais que acolhimento, trata-se da busca pela incorporação dessas vozes à dinâmica da heterogeneidade, (que deveria ser) regulada politicamente; 2) polifonia é a multiplicidade de vozes em conflito que falam em uma narrativa ficcional, com personagens marcados fatalmente pelo modo de ver e ler o mundo. (TRIDAPALLI, 2019, p. 59)

Qualquer sociedade, afinal, deve mostrar e equilibrar seus plurais. São as diferenças que dão condições ao exercício da empatia, princípio tão em voga em nossa sociedade tecnológica. É bem verdade que o diferente também instaura os conflitos na arena social, nossa nova ágora, seja no mundo físico ou no virtual, mas as negociações resultantes disso nos ajudam a aprimorar as regras de convivência, principalmente no que se refere ao respeito e à tolerância.

Depois de termos refletido um pouco sobre as principais questões discutidas nesta edição da *Scripta Alumni*, convido você, leitor, para conhecer outros posicionamentos e reavaliar algumas certezas. Nesse exercício de escuta atenta e respeitosa, podemos descobrir mais sobre o(s) outro(s) e sobre nós mesmos.

Desejo uma ótima leitura a todos!

Verônica Daniel Kobs  
Editora

---

<sup>9</sup> DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

